



## CIÊNCIAS HUMANAS

**O descaso epistêmico diante da pandemia de COVID-19 no Brasil*****Epistemic insouciance with the COVID-19 pandemic in Brazil***Luiz Guilherme Lucho de Araujo<sup>1</sup>, Marcelo Leandro Eichler<sup>2</sup>**RESUMO**

Tratando-se de um vício epistêmico, a atitude do descaso epistêmico diante da pandemia COVID-19 trouxe diversos empecilhos, principalmente para a conscientização da população sobre a importância dos protocolos a serem seguidos. As informações sobre os riscos do novo coronavírus foram distorcidas, causando dúvidas, elemento chave para a malevolência epistêmica. Este trabalho buscou contextualizar o descaso epistêmico, propondo a utilização desse vício epistemológico para refletir sobre posturas negacionistas ou minimalistas diante da pandemia. Com centenas de milhares de mortes confirmadas, dizer que o Brasil lidou bem com a situação demonstra o descaso durante a pandemia. O país ainda sofre com as consequências desse período e corre o risco de postergar ainda mais o seu fim, pois mesmo com avanços científicos e a produção de vacinas que são eficazes diante do coronavírus, as decisões e medidas durante a pandemia indicam uma posição negacionista e perigosa. Entendemos ser necessário enfrentar o obscurantismo gerado pelo descaso epistêmico. Nesse sentido, uma das formas de lidar com o conjunto de vícios epistêmicos é formular estratégias de educação, de comunicação e de conscientização. Assim, defendemos um ensino de ciências crítico e direto, no qual há uma comunicação adaptada ao público, evitando ou prevenindo a manipulação de informações e a desqualificação de estudos com metodologias científicas.

**Palavras-chave:** Descaso epistêmico; COVID-19; desinformação.

**ABSTRACT**

*The epistemic insouciance posture in face of the COVID-19 pandemic brought several obstacles, especially regarding the importance of the safety protocols to be followed by the population. Information about the risks of the new coronavirus has been distorted and causing doubts, a key element for epistemic malevolence. This paper aims to contextualize the epistemic insouciance and bring a paradigm of its concept regarding the pandemic, listing cases and addressing them. Considering hundreds of thousands of confirmed deaths, saying that Brazil handled well the situation demonstrates negligence during the pandemic. The country still suffers the consequences of this period and runs the risk of postponing its end even more. We believe it is necessary to face the obscurantism generated by epistemic insouciance. Therefore, one way to deal with the set of epistemic vices is to formulate strategies comprising education, communication, and awareness. Thus, we defend a critical and direct science education, in which there is communication adapted to the public, avoiding or preventing the manipulation of information and the disqualification of studies with scientific methodologies.*

**Keywords:** *Epistemic insouciance; COVID-19; desinformation.*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre;RS – Brasil. E-mail: [l.guilherme2015@gmail.com](mailto:l.guilherme2015@gmail.com)

<sup>2</sup> E-mail: [exlerbr@gmail.com](mailto:exlerbr@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

Não é de hoje que nos preocupamos com a disseminação de informações falsas e de estudos sem comprovação científica, seja por desconhecimento ou por articulações buscando persuadir as pessoas a acreditarem em hipóteses descartadas e conhecimentos que contradizem o real. Além dos problemas em relação à ignorância que se desenvolve pela falta de acesso à educação e informação verificada adequadamente, principalmente no âmbito das ciências.

De Galileu à Darwin, a ciência sofre ataques silenciosos ou barulhentos, o que antes parecia uma brincadeira ao retomar conhecimentos descartados sobre uma pseudoteoria terraplanista, ou até mesmo concepções erradas como "se o homem veio do macaco porque existem outros macacos?" Hoje com a pandemia do novo coronavírus, a desinformação se torna um risco à vida de milhares de pessoas.

A COVID-19 pegou o mundo desprevenido. Apesar de ter sido prevista, não havia informações sobre como lidar com uma pandemia desse porte em um mundo tão globalizado. O mundo sofreu com outras pandemias em sua história, como a gripe espanhola, H1N1 e a peste negra. Essa última citada, foi uma das mais devastadoras, principalmente por um aspecto em especial, a falta de informação e conhecimento da época.

Acreditava-se que diante de um mundo globalizado, tecnológico e científico, não haveria demora para identificar o vírus, buscar uma prevenção e conseqüentemente conter a disseminação, o que de fato ocorreu. Em pouquíssimo tempo conseguimos identificá-lo, e avançamos rapidamente em estudos que desenvolveram os protocolos que possibilitariam a prevenção, portanto, poderíamos ter resultados melhores diante da pandemia. (CASACA, 2020). Porém, o que não contávamos era com uma atitude de descaso da grande maioria dos países que são considerados as potências mundiais.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS) o Brasil ultrapassou a marca de 400 mil mortos em maio de 2021, números que ainda devem aumentar diante do cenário atual. (M.S, 2021). Não há como negar o fato de que nenhum país estava preparado para lidar com uma pandemia *a priori*, porém, aqueles que negam a ciência ou a ignoram demonstraram resultados alarmantes com altos números de infectados e mortes pela COVID-19. Esse comportamento, ou melhor, essa atitude que ainda não tinha nome, encontra em Cassam (2018) uma denominação, o descaso epistêmico.

O descaso epistêmico faz parte dos vícios intelectuais, segundo Tanesini (2018), é preciso diferenciar os vícios em detrimento à outras limitações intelectuais, sobretudo a dificuldade de aprendizagem ou algum problema cognitivo. Coelho (2019), relata a importância de compreender que nem sempre os vícios intelectuais necessitam de um motivo para contrariar o conhecimento sobre a realidade.

De acordo com Santos (2018), as investigações acerca destes vícios trazem benefícios, principalmente diante de atitudes que vão na contramão de todas as previsões esperadas. Esse tipo de pesquisa permite a investigação dos fenômenos, neste caso do descaso epistêmico, diante dos fatos atuais, a pandemia de COVID-19, analisar esse vício diante da pandemia pode permitir a reflexão acerca das decisões tomadas durante esse período e suas implicações futuras.



Para compreendermos os vícios, precisamos contextualizar as virtudes, a busca pela verdade não é novidade, desde a filosofia pré-socrática, até a ciência contemporânea, noções sobre o que é verdadeiro se modificam e se adaptam a cada nova descoberta, ou como exposto por Kuhn (1978) a cada novo paradigma que surge, há uma revolução científica que origina um novo conhecimento que se instaura e permanece até a próxima anomalia. As diferentes visões sobre ciência, encontram em Kuhn um pressuposto acerca do modelo científico, sobretudo no que se refere a busca por uma verdade e a compreensão dos processos por trás da ciência. (OSTERMANN, 1996).

O problema é que essa busca abre espaço para uma grande quantidade de rumores e mentiras, que há muito tempo permeiam a história, e isso diante de uma pandemia pode ser devastador (GIORDANI *et al.*, 2021). Diferentemente de uma anomalia, ou nova descoberta que muda o paradigma científico, ou a ideia do que é verdade, o descaso epistêmico é justamente a indiferença aos fatos e as evidências.

O descaso epistêmico é caracterizado pelo descomprometimento diante das informações compartilhadas, além do desinteresse pelo que já foi comprovado, ou seja, que pode estar conectado com o real. (CASSAM, 2019). Os impactos dessa atitude parecem pequenos em um primeiro momento, porém, quando analisamos em um contexto pandêmico, podemos compreender fenômenos referentes ao descaso diante da COVID-19. Frases como "se pegar pegou", "é apenas uma gripezinha", "se todo mundo pegar, acaba", entre tantas outras falácias que marcaram presença e ainda sobrevivem em meio ao caos gerado pela pandemia.

Compreender as atitudes de descaso e identificar os elementos diante da pandemia pode nos ajudar a evitar que o mesmo erro se repita no futuro. Pode ainda nos ajudar a compreender por que o conhecimento científico ainda que bem estruturado não consegue alcançar toda sociedade. Portanto, esse artigo tem a proposta de contextualizar o descaso epistêmico, descrever as atitudes deste descaso diante da pandemia da COVID-19 e elencar as possíveis atitudes do ensino de ciências diante desse cenário.

## 2. METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como um estudo de caso, visto que possibilita a interação e reflexão acerca da situação real, não apenas um relato descritivo dos fatos. (GRAY, 2014). Segundo Yin (2003), trata-se de uma investigação empírica que permite a conexão entre um fenômeno e o contexto contemporâneo, buscando sua manifestação na realidade. O estudo de caso permite uma reflexão entre a coleta dos dados e os casos a serem investigados, podendo tratar de múltiplos casos, assim evitando a generalização a partir de um caso específico. (GRAY, 2014).

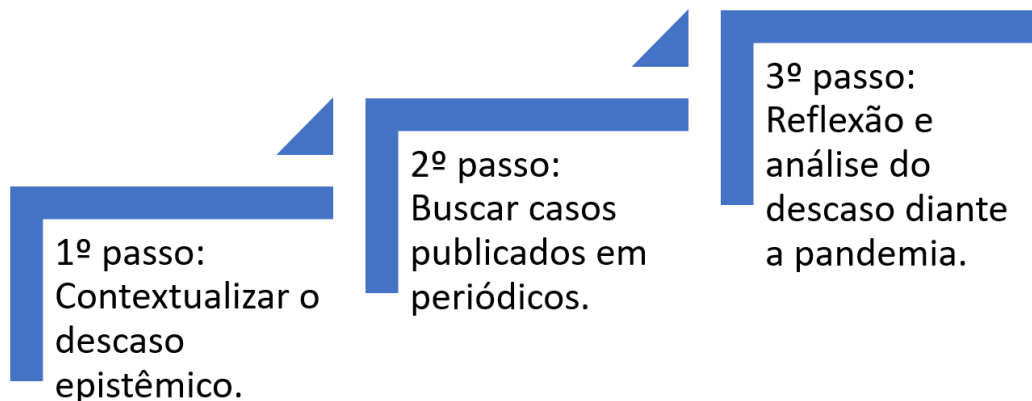
A análise dos dados será qualitativa, onde pode-se investigar subjetivamente os fenômenos, discutindo e contextualizando através dos referenciais encontrados, ou seja, ligando a realidade aos pressupostos teóricos, verificando a sustentação das hipóteses diante das evidências. (GRAY, 2014).

Essa pesquisa tem como principal pressuposto teórico Cassam (2018 e 2019), a fim de caracterizar o fenômeno do descaso epistêmico, que será, posteriormente, utilizado para analisar a variação de posturas diante da pandemia de COVID-19. Para essa segunda parte do artigo, portanto, iremos analisar alguns casos já presentes em artigos publicados em periódicos sobre as posturas de



diversos grupos ao longo desse período pandêmico, além dos dados fornecidos por órgãos governamentais e de saúde. A Figura 1, retrata o caminho percorrido durante a pesquisa, desde a busca por pressupostos teóricos, até a análise dos periódicos e por fim a reflexão sobre o fenômeno diante da pandemia. Esses passos estão presentes nos textos do autor, retratando a importância deste processo investigativo.

**Figura 1** – Caminhos metodológicos.



Fonte: Autores, adaptado de Cassam (2018 e 2019).

A reflexão sobre a epistemologia dos vícios passa por um estudo de caso, assim como pretende-se nessa pesquisa, os passos elencados na figura estarão presentes ao longo do artigo.

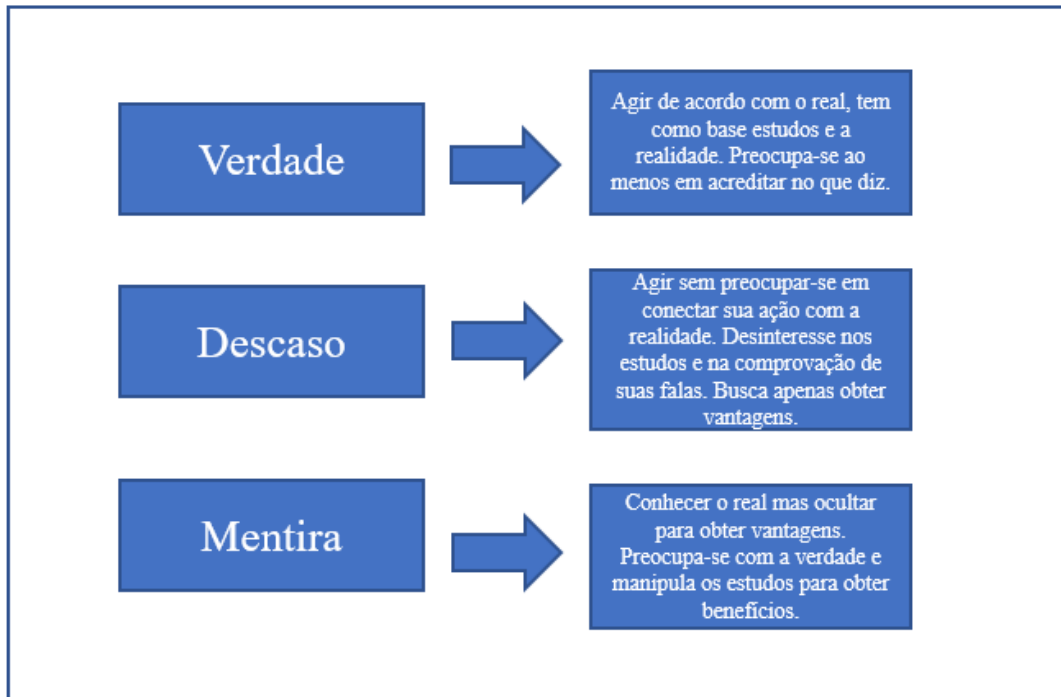
### 3. O DESCASO EPISTÊMICO

Há muito tempo enfrentamos um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum, não havia uma definição nem mesmo uma classificação para ele, até que Cassam (2018) identifica e descreve com detalhes o que chamou de descaso epistêmico. O autor classifica como um vício epistêmico essa atitude do descaso, segundo ele podemos defini-la como uma falta de preocupação quanto a verificar se o que acreditamos está ou não conectado com algum dado real ou se nossas crenças estão ou não fundamentadas nas melhores provas disponíveis.

Cassam inicia sua reflexão a partir de uma relação com o ensaio de Frankfurt (2005), que em "On Bullshit" descreve a diferença entre mentir e falar besteira. O autor ainda discorre sobre a impossibilidade de mentir quando se acha saber a verdade, aquele que mente sabe das consequências e, portanto, se importa e respeita a verdade. Já aquele que se considera honesto, fala e afirma somente aquilo que considera verdadeiro. A atitude que nos interessa aqui, é a do ser humano que não se importa de estar falando besteiras, desconectadas da realidade, ou seja, não há um interesse em conectar ou não suas falas com a verdade, apenas há interesse em obter uma vantagem com o que diz. A Figura 2 ilustra a distinção entre verdade, descaso epistêmico e a mentira.



**Figura 2** – Verdade, descaso e mentira.



Fonte: Autores, 2020, Adaptado de Cassam (2018) e Frankfurt (2005).

De acordo com Cassam (2018), um dos exemplos mais claros de descaso epistêmico é agir de modo a obter uma vantagem sem se preocupar com conectar ou não sua ação e sua fala com o real, ou seja, com o que se sabe até então. O descaso epistêmico está exatamente na indiferença à verdade ou à mentira que utiliza para se safar. Segundo o autor:

o descaso epistêmico<sup>3</sup> é uma postura perante a verdade, as provas ou a investigação, uma postura que se manifesta na nossa conduta epistêmica. Implica, e é em parte constituída, por uma marcada falta de seriedade intelectual, e pela leviandade quanto à sustentação das nossas opiniões nos especialistas ou no que as provas mostram. É uma descontração ou indiferença à verdade e à necessidade de basear as nossas opiniões nos fatos relevantes. (CASSAM, 2018, p.3).

A falta de preocupação com a verdade é a essência do descaso epistêmico, o que ainda gera de acordo com o autor, uma das maiores preocupações diante do descaso, o enfrentamento a desonestidade intelectual. Isso se agrava se levarmos em consideração os sujeitos por trás das falas, sejam eles políticos, médicos ou influenciadores digitais. O último grupo citado engloba as duas categorias anteriores e acrescenta ainda a possibilidade de qualquer um expor sua opinião e suas ideias, com alcances inimagináveis, o que contribui para o compartilhamento das informações geradas a partir da atitude do descaso. O agravante é que o descaso epistêmico é involuntário, pois se trata de uma postura afetiva, sendo assim, “uma pessoa não decide ser excessivamente casual e displicente face ao desafio de encontrar respostas complexas.” (CASSAM, 2018, p.3).

Vale ressaltar que apesar de aparentar uma ausência de sentimentos ou emoções, o fato de não se importar com determinadas questões não está relacionado com apenas esses fatores, pois, “o descaso epistêmico não é apenas uma questão de não nos importarmos com certas coisas.”

<sup>3</sup> Esta conforme a versão em português, feita em Portugal, por Desidério Murcho.



(CASSAM, 2018, p.4). A falta de interesse com os fatos e com o real, tem a ver também com o desprezo pelas provas e pelo público, portanto, a indiferença em si é algo que se pode sentir.

Conforme Coelho (2019), o obstrucionismo apresentado por Cassam (2019) tem ainda a característica de ser uma atitude viciosa,

o descaso epistêmico é apenas um dos vícios estudados na epistemologia dos vícios, há muitos outros. Ainda que não se tenha uma lista exaustiva com os diversos vícios intelectuais, algo é certo: houve uma grande preocupação com as virtudes epistêmicas na epistemologia recente, enquanto os vícios epistêmicos obtiveram uma atenção muito menor. (COELHO, 2019, p.162).

Essa pouca atenção aos vícios epistêmicos contribui para que seus impactos sejam cada vez maiores, obstruindo e atrapalhando a obtenção de conhecimentos. Esse empecilho é fruto de um vício epistêmico, e pode ser criado. Cassam (2018) destaca o episódio em que malevolência se fez presente diante da indústria do tabaco em meados do século passado. Ao desenvolver estudos científicos sobre as consequências do tabagismo para a saúde humana, financiados pela própria indústria, os resultados negativos foram deliberadamente ignorados e divulgou-se nas propagandas que o produto era seguro para o consumo.

Em 1950 a descoberta de que fumar causava câncer nos pulmões abalou as estruturas da indústria tabagista. Iniciou-se então o que ficou conhecido como a guerra dos fatos. A indústria do tabaco contratava empresas de relações públicas e marketing com o objetivo de criar estratégias que fossem capazes de colocar em dúvida a veracidade do fato científico recém-descoberto.

A produção de desconhecimento ou produção da ignorância passa a ser chamada de agnotologia por Proctor e Schiebinger (2005). Utilizando o mesmo exemplo da indústria do tabaco, ele analisa como a produção da ignorância pode ser prejudicial para a sociedade. A indústria do tabaco utilizou essa estratégia de gerar uma dúvida para conseguir manter poder econômico e comercial, manipulando as pessoas, contribuindo para que seu produto continuasse a ser vendido e, portanto, causando problemas gravíssimos de saúde. Cassam (2018) ainda comenta que a malevolência presente nesse caso pode ser ampliada para o movimento contra as vacinas e, conseqüentemente, podemos relacionar à pandemia do novo coronavírus que estamos vivenciando.

Apesar de na prática, a malevolência estar conectada com o vício do descaso epistêmico, os dois são divergentes, pois enquanto o descaso é involuntário e parte de uma despreocupação com a verdade, a malevolência é estratégica e manipula a verdade. Estamos apenas negando conhecimento ou estamos produzindo desconhecimento ao não agir de acordo com o que a ciência recomenda? O que está por trás da atitude de descaso diante da pandemia de COVID-19?

#### **4. A PANDEMIA COVID-19**

Para responder as perguntas destacadas ao fim do tópico anterior, precisamos primeiro compreender o tamanho dos problemas que estamos enfrentando. A COVID-19 é oficialmente relatada e compreendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em dezembro de 2019, destacando que poderia causar danos ao trato respiratório, incluindo os pulmões, entre outros sistemas. (FERRARI, 2020). Em 11 de março de 2020 a OMS declara pandemia reconhecendo mais de 118 mil casos de infecções por COVID-19 em 114 países. (CASACA *et al.*, 2020).



No Brasil, o Ministério da Saúde criou um site para divulgar os dados da pandemia em nosso país, utilizando dados fornecidos pelas Secretarias Estaduais de Saúde, gráficos são atualizados diariamente com dados como o número total de infectados, óbitos, curas e acompanhamentos. Até a primeira quinzena de abril de 2020, Casaca *et al.* (2020) haviam calculado o número de casos e de mortes causadas por coronavírus, destacando que até esse período, próximo ao quinquagésimo dia do surto no Brasil, havia cerca de 22.169 casos e 1.223 mortos. O país já se encontrava em fase exponencial de crescimento da doença.

Os autores supracitados já apontavam a importância dos cuidados diante da pandemia, alertando sobre a proliferação rápida do vírus em diferentes regiões e destacando um aspecto importante do combate ao novo coronavírus: a responsabilidade governamental. “Doenças infecciosas emergentes devem ser sempre administradas e manuseadas com cautelas por governantes e gestores da área da saúde.” (CASACA *et al.*, 2020, p.3437). Além da alta taxa de mortalidade, chegando a 6,11% na região sudeste, os autores destacam a organização regional para o impacto do vírus, levando em consideração o número de leitos que cada região do país teria, o número de respiradores disponíveis em relação a taxa de contaminação cada vez maior, dia após dia.

Diante destes dados, levando em consideração os dados analisados e as projeções para os próximos meses, o isolamento social foi considerado a medida mais urgente recomendada pela OMS e destacada por Ferreira *et al.* (2019) e Casaca *et al.* (2020), quando analisaram os dados epidemiológicos, evidenciando que os países que seguiram essa recomendação tiveram uma taxa de contágio menor, e por consequência, uma mortalidade mais baixa que os países que não seguiram esse protocolo.

De acordo com Schwartz (2020), o Brasil se tornou o epicentro da pandemia e o distanciamento social ajudou a controlar a curva de mortalidade de país, porém, somente o distanciamento não foi suficiente para conter o processo de multiplicação da doença. Um dos problemas diante o protocolo de isolamento e distanciamento social foi a disputa política que se instaurou durante a pandemia, o que prejudica a adesão das pessoas ao que a ciência propõe como medida eficaz durante a pandemia.

Ainda em maio de 2020, o periódico *The Lancet* publicou um texto intitulado “COVID-19 in Brazil: So What?” alertando sobre o alto índice de infecção no Brasil, bem como a preocupação com os óbitos registrados até então. O editorial ainda tratou da postura do governo diante da pandemia, naquele período o Brasil tinha 105.222 infecções e 7.288 mortes registradas. Levando em consideração a subnotificação e as desigualdades sociais em nosso país, a preocupação seria justamente em como manter o distanciamento e os protocolos de higiene recomendados pela OMS, principalmente em zonas periféricas.

Em meio ao caos gerado pela pandemia e aos problemas de gerenciamento da crise que o país ainda está vivendo, o Brasil atingiu em dezembro de 2020 o número de 6.300.000 casos confirmados, mais de 170 mil mortes, com cerca de 3% de letalidade (M.S, 2020), além dos casos subnotificados. (ORELLANA *et al.* 2021). Em maio de 2021 o Brasil atingiu a marca de 400 mil mortes confirmadas para o coronavírus e, segundo o *Institute for Health Metrics and Evaluation* (IHME, 2021), somando-se as subnotificações, o Brasil já pode ter alcançado o número real 595 mil vítimas do vírus.



Apesar de todos os estudos indicarem e recomendarem protocolos, o Brasil está entre os piores índices diante da pandemia, e a situação não tem previsão de melhoria. Apesar da aparente estabilidade nos números de infecções e óbitos por coronavírus em alguns momentos, a OMS adverte que não há previsão para o fim da pandemia e que todos os países devem permanecer em alerta e seguir aplicando os protocolos de segurança recomendados. No entanto, analisando o comportamento das populações em diversas regiões do país, a pandemia parece ter ficado para trás. O que causa o descaso? Por que não conseguimos seguir os protocolos? Com 400 mil mortos em números oficiais e quase 600 se levamos em conta a subnotificação, como há quem ache que o Brasil lida ou lidou bem com a pandemia?

## 5. O DESCASO EPISTÊMICO DIANTE DA PANDEMIA

Desde o início da pandemia no Brasil, é comum encontrarmos pessoas desesperadas por uma resposta, o problema conforme trata Boaventura (2008) seria que as pessoas estão acostumadas a buscar respostas fracas para perguntas fortes, ou seja, muitas vezes buscamos informações que corroborem com um desejo pessoal ou já predisposto a aceitar a solução mais fácil, independente da complexidade do problema.

Kahneman (1982) apresenta o viés de confirmação como um dos fatores que contribuem para a aceitação de respostas simplistas, mesmo que desconectadas da realidade, uma vez que considera que as pessoas tendem a buscar explicações baseadas em suas crenças. Segundo Gasque (2020, p.66) "O viés de confirmação pode ser entendido como um viés cognitivo, em que as pessoas tendem a procurar, interpretar, favorecer ou lembrar informações que confirmem as crenças preconcebidas, enquanto desvalorizam ou ignoram as informações que contradizem essas crenças."

De fato, ninguém estava pronto para encarar uma pandemia desta proporção no Brasil. Diante das desigualdades vividas em nosso país, com elevada taxa de desemprego, um número cada vez maior de trabalhadores na informalidade, precarização dos direitos trabalhistas e nenhuma condição de seguir as recomendações para o isolamento social, as consequências do surto de COVID-19 se agravam cada vez mais.

O grupo de pessoas que não consegue parar, ou seja, cumprir os protocolos estabelecidos, é o mais atingido. Esse grupo diante da pandemia foi deixado de lado pelos verdadeiros responsáveis, não houve um esforço para que essa parte da população pudesse seguir os protocolos e se isolar durante o período da pandemia. Talvez esse grupo seja aquele que deseja cumprir os protocolos e não consegue pelas possibilidades apresentadas, trata-se de um grupo que apenas segue ordens, a responsabilização nesse caso deve direcionar-se para aqueles que não incentivam a divulgação da importância dos protocolos. (TIMMERMANN, 2020). A punição deve ser direcionada àqueles que sabem a verdade, que podem tornar viável o cumprimento dos protocolos e que mesmo com tal conhecimento não interferem. (FRANKFURT, 2005).

O que preocupa mais são as pessoas que possuem as condições para seguir os protocolos, mas agem sem se importar com o que a ciência relata, ou seja, com total descaso. Podemos ainda destacar o grupo que pode cumprir os protocolos, não cumpre e dissemina informações falsas, seja conhecendo a verdade e tentando obter vantagem com suas mentiras ou seguindo o que





Cassam (2018) caracterizou como descaso epistêmico, agindo sem levar em consideração os fatos, os estudos e o que conhecemos até agora sobre os protocolos de segurança.

Segundo Gaia (2020) o grupo mais afetado durante a pandemia é caracterizado por ser o mais pobre e com menos acesso a educação, a população periférica e subcidadã, o autor ainda destaca que essa parcela da população compõe o grupo dos que não podem parar de trabalhar, ou seja, que estarão expostos ao risco do vírus até o fim da pandemia, tem as suas vidas nas mãos de decisões políticas e que deveriam ser tomadas à luz da ciência, mas não têm ninguém olhando para suas realidades.

Utilizando um exemplo de decisão política para evidenciar o descaso, Cassam (2018) nos permite uma reflexão interessante. Como estamos tratando aqui de saúde pública, podemos utilizar um exemplo claro diante do paradigma que vivemos, a hidroxicloroquina. Busca-se desde o início da pandemia algum medicamento que possa prevenir ou até mesmo conter o coronavírus. É compreensível a urgência de tal busca, porém, a partir do momento que obtemos resultados negativos para determinados medicamentos, é injustificável a sua recomendação. Agir contrário a esses estudos é promover o uso indevido de substâncias que, além de não trazer nenhum benefício, podem gerar outras complicações, como no exemplo de Cassam (2018) a respeito da indústria do tabaco.

A hidroxicloroquina surge como esperança de tratamento, sendo levantada uma hipótese de que seu uso pode prevenir a doença. No entanto, os testes realizados não comprovam eficácia alguma para prevenção ou tratamento da COVID-19. (OMS,2020). Ou seja, qualquer um que recomende ou defenda o uso deste medicamento, está indo na direção contrária da ciência, não se importando com os estudos científicos, agindo de acordo com o que caracterizamos como descaso epistêmico.

Na Figura 3, buscamos esclarecer o caso da hidroxicloroquina, abordando os diferentes momentos que vivenciamos, desde a hipótese, passando pelos testes e chegando aos resultados das pesquisas, identificando portando o ponto em que podemos identificar a atitude do descaso (CASAM, 2018) ou a mentira caracterizada por Frankfurt (2005).

A Figura 3 apresenta uma ilustração de como se deu o processo realizado durante o período da pandemia diante da situação de um medicamento que comprovadamente não tem efeito nem para remediar os sintomas, tão pouco para prevenir o vírus. (GUERRA, 2020; OMS, 2020). Além dos riscos causados pelos efeitos colaterais do uso da cloroquina, podemos adicionar a escassez do medicamento gerado pela euforia de uma falsa informação divulgada, comprometendo assim a real utilização do medicamento. A despreocupação em verificar a veracidade da informação propagada ao público incentivou a procura e o consumo irresponsável deste medicamento.

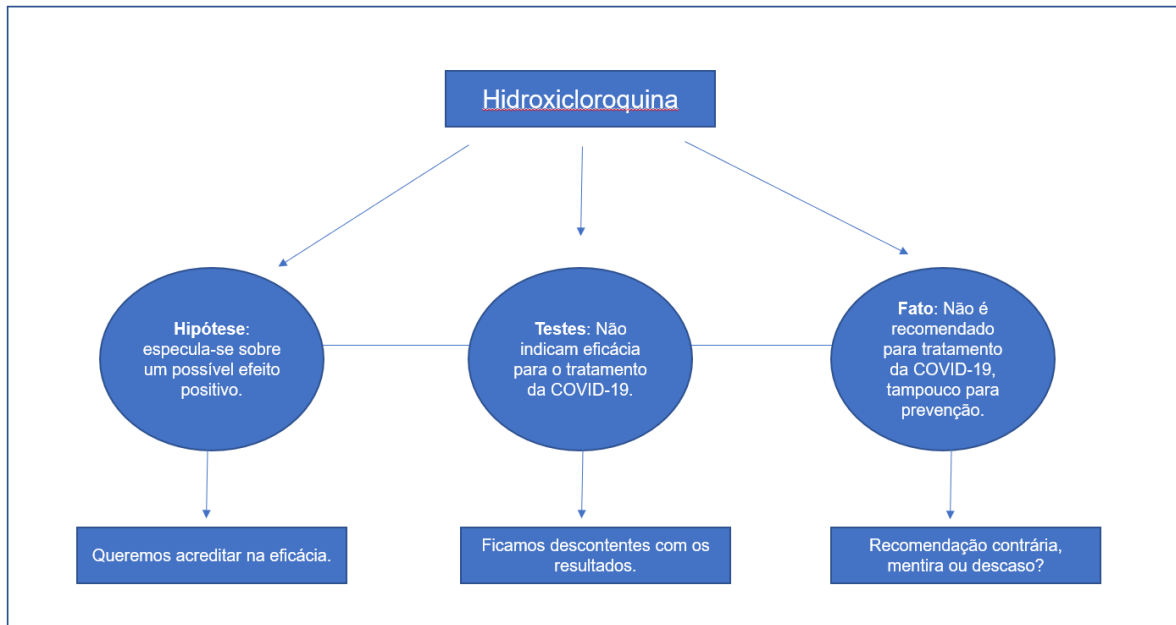
Mesmo os estudos indo na contramão de uma eficácia da cloroquina, no Brasil houve uma persistência em incentivar seu uso, a comunidade médica aceitou estudos e evidências questionáveis (GUERRA, 2020), o que pode ter contribuído para a disseminação de uma informação falsa. O problema maior é que depois de comprovado uma ineficácia e até riscos na utilização, ainda havia apoiadores dentro da comunidade. O que gerou muitos problemas e ainda a demissão do Ministro Nelson Teich, o segundo Ministro da Saúde demitido durante a pandemia.

Esse não foi o único caso em que a comunidade médica brasileira contribuiu com ideias desconectadas da realidade, o caso do artigo publicado na *The Lancet*, que fazia menção a má



administração do Brasil diante da COVID-19, foi malvisto por alguns médicos brasileiros. Mesmo diante do grande número de infecções e mortes, há uma exigência por parte de um grupo brasileiro para ter direito de resposta após os apontamentos presentes no artigo "So What?".

**Figura 3** – Da ciência ao descaso, a hidroxicloroquina.



Fonte: Autores, 2020.

Pontes e Lima (2020) tentam desqualificar a publicação da *The Lancet*, concluindo que havia vários ataques sem sentido à administração da pandemia no Brasil. Argumentos como a defesa da economia estão presentes na resposta dos médicos brasileiros, e são argumentos recorrentes para defender as políticas adotadas no país. Ainda houve uma crítica ao elogio à resposta chinesa a pandemia, os médicos concluem que o editorial trouxe desinformações e foi tendencioso, um ataque à direita brasileira. Rizzo e Wolosker (2020) chegam a chamar o artigo crítico original de um propulsor da pseudopolítica, considerando que o editorial tratou de forma superficial os problemas do Brasil na resposta a COVID-19.

Os médicos brasileiros defensores do governo federal atribuíram os índices de infecção aos problemas socioeconômicos do país, como falta de estrutura, péssima distribuição de renda e ao histórico de baixa escolaridade, o que não estaria completamente incorreto. Há uma lógica por trás deste argumento, mas ele não invalida de forma alguma o artigo publicado na *The Lancet*. O artigo tratava de uma responsabilidade diante das falas e incentivos de um governante, falas estas que podem corroborar com desinformação. Conforme relatamos anteriormente, atribuir a responsabilidade diante de um vício epistêmico é fundamental. (COELHO, 2019).

Meyer *et al.* (2020), buscam entender o que leva a prevalência de crenças errôneas diante da COVID-19. Segundo os autores a crença em mitos relacionados a COVID-19 passam por variáveis como identidade política, educação entre outras, mas isso não explica tudo, o vício epistêmico ao qual nos debruçamos aqui, tende a influenciar as pessoas e deixá-las suscetíveis a acreditar em desinformações sobre a pandemia. Médicos passam por uma seleção rigorosa, geralmente obtêm uma boa educação de base, o fato de esse grupo também fazer parte dos destaques ao corroborar



com ideias desconectadas com a verdade, evidencia o que os autores supracitados indicam, há evidências em favor da epistemologia dos vícios.

Antes de afirmar que algo é verdadeiro, devemos investigar e analisar seus precedentes, a natureza do conhecimento (LUZ; LANSKY; OLIVEIRA, 2020), sobretudo de um problema que afeta diretamente a vida de todos, que compromete inteiramente o sistema de saúde, não podemos tratar da pandemia sem antes compreender o que é realmente conhecer algo. As redes sociais potencializam a difusão de teorias da conspiração e notícias falsas com potencial de atrapalhar a difusão de informações e o entendimento das mesmas. (CASSAM, 2018; LUZ; LANSKY; OLIVEIRA, 2020).

Cassam (2019), destaca que há muitas formas dos vícios epistêmicos atrapalharem no desenvolvimento de conhecimentos. Tudo depende do perfil de quem busca as informações, independente de quem as passa, o vício depende mais da pré-disposição do buscador do que da consistência da informação que ele obtém. O autor ainda reitera que raramente há responsabilidade do ser humano na obtenção do vício epistêmico, apesar de apoiar a ideia de que há uma responsabilidade na manutenção do mesmo.

Com o contexto da pandemia, surgem discussões ferrenhas e narrativas que deliberam sobre a virtude e o vício epistêmico, os impactos das fake news e de narrativas fantasiosas sobre a situação atual, trazem riscos, muitas vezes nos colocando numa posição desfavorável ao que a ciência propõe. Cada vez mais parecem atrativas as narrativas que favorecem o nosso desejo da "normalidade", o que acaba por enaltecer um aspecto importante dos vícios epistêmicos, o obscurantismo; (MANSILLA, 2020).

Campos (2020) discorre sobre uma dimensão importante da pandemia no Brasil, parece haver uma espécie de desprezo, algo que antagoniza a vida humana diante de uma suposta salvação da economia. Nesse jogo de ações discutíveis, o país através de decisões errôneas e falácias, acaba por defender o oposto do recomendado diante da COVID-19, incentivando o descumprimento do isolamento social e defendendo a dita imunidade de rebanho.

O embate recente diante das possibilidades de vacinas deixa claro a posição do Brasil conectada a um obscurantismo, o fato de se prender em argumentos não científicos para uma discussão estritamente científica é a forma de manifestar que o país está mais preocupado em manter sua posição no caminho da desinformação do que resolver os problemas que a pandemia traz.

Atualmente há duas vacinas sendo aplicadas na população brasileira, porém algumas investigações buscam entender o ritmo lento de vacinação no país. A demora nas negociações com as empresas que produzem as vacinas contribuiu para o agravamento da situação do Brasil diante da pandemia. (CASTRO, 2021). Além do descaso nas aquisições das doses e insumos para a produção dos imunizantes, a difusão de fake news e ataques à eficácia das vacinas tornaram o cenário ainda mais conturbado e distante da realidade científica.

Mas como lidar com a desinformação? Como fazer com que a informação baseada em dados, na ciência e nos estudos cheguem até o povo? Campos (2020) destacou o fato de que a população mais pobre fica sempre a mercê de informações imprecisas e confusas. Isso não significa que as informações sejam falsas, mas levando em consideração a escolaridade de grande parte da população brasileira, entender os processos por trás dos estudos científicos é improvável.



Ainda nesse sentido, Campos (2020) explana que levando em consideração o fato das primeiras informações superestimaram a taxa de letalidade e estudos *a posteriori* a subestimaram, assim gerando um princípio de desconfiança e descrença da população. Desde o início houve uma enorme divulgação da informação sobre o risco de idosos desenvolverem complicações com maior facilidade, o que trouxe uma falsa segurança para quem não pertencia a esse grupo. O autor propõe uma comunicação mais próxima ao grande público, considerando o desenvolvimento tecnológico e uma educação continuada, possibilitando cada vez mais à aproximação entre os educadores e o público.

Fornecer informações atualizadas através da utilização de recursos tecnológicos de comunicação, utilizar o vasto conhecimento dos educadores de ciências aproveitando diagramas, esquemas, gráficos, todos os recursos que possam facilitar a compreensão pública da ciência são cruciais para evitar a disseminação de desinformação. (CAMPOS, 2020). Destaca-se ainda o papel das ciências humanas e sociais no reconhecimento das diferentes intervenções a depender do grupo em que se está inserido. A proposta apresentada por Koeppe, Ferreira e Calabro (2020), ilustra essa importância, as autoras destacam a eficácia do ensino de ciências em conscientizar crianças desde os anos iniciais do ensino fundamental, propondo atividades que informam e desmistificam os cuidados durante a pandemia.

Outro aspecto importante a se discutir, é a responsabilidade moral, abordada por Mansila (2020), que através da epistemologia dos vícios, busca compreender os aspectos morais das atitudes e posturas diante da pandemia. Assim como já tratamos aqui, grande parte do que estamos passando durante a pandemia poderia ser evitado, ou ao menos amenizado, pelo simples ato de investigar, buscar conhecer e tratar ciência com o devido respeito, já seria capaz de mudar o cenário drasticamente. Seguir os protocolos e compreender a importância dos conhecimentos científicos para a melhor gestão da pandemia teria sido fundamental para preservar a vida humana. Mas então por que não agimos desta forma? Segundo a autora, o fato de estarmos sujeitos a vícios epistêmicos que Cassam (2018) descreve, nos fornece uma espécie de obscurantismo intelectual, assim permitindo que o conhecimento e sua transmissão sejam prejudicados.

O vício epistêmico que contribui para aceitação de desinformação pode e deve ser combatido, estratégias como a sugerida por Campos (2020), elaborando intervenções e modificações sobretudo no âmbito educacional, pode contribuir para a investigação e combate aos vícios que (CASSAM, 2019) se referia. Pensar em estratégias que desenvolvam políticas públicas alinhadas ao ensino de ciências cada vez mais desenvolvido em nosso país, é fundamental para que erros cometidos durante a pandemia no Brasil não se repitam no futuro, afinal, a pandemia ainda não acabou, mesmo que alguns pensem diferente, a ciência não é feita de ideias vazias e não deve ser confundida com opiniões. A educação e sobretudo uma educação igualitária e de qualidade tem o poder de lutar contra o obscurantismo que presenciamos, devemos nos preocupar em fornecer virtudes intelectuais que possam fornecer subsídios ao combate ao negacionismo provado pelos vícios epistêmicos. (LUZ; LANSKY; OLIVEIRA, 2020). Será que somente a educação pode lidar sozinha com o obscurantismo a que estamos expostos pela sobreposição dos vícios epistêmicos?



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento da finalização deste artigo, o Brasil ultrapassa a marca de 410 mil óbitos por COVID-19, inúmeras vidas perdidas diante de uma pandemia arrasadora e com consequências gravíssimas. Diante dos fatos, medidas e ações do governo, o descaso epistêmico nos ajuda compreender os fenômenos e as atitudes de líderes, médicos e da população de modo geral.

A falta de preocupação com a realidade e os fatos, gera problemas no enfrentamento da pandemia, desde a disseminação de informações irreais até a postura diante dos dados, logo a situação é cada vez mais preocupante. Considerando a ideia de que a pandemia ainda não acabou, a contribuição dos vícios epistêmicos caracterizados por Cassam (2018) ainda irão contribuir para que grupos variados aceitem informações desconectadas da realidade.

Os casos expostos ao longo do trabalho revelam a posição do Brasil diante da pandemia, que durante esse período se alinha com ideias obscurantistas, indo no caminho contrário ao que a ciência propõe e expõe. Incentivando a população a não respeitar os protocolos estabelecidos, perpetuando conceitos não comprovados e até mesmo falsos, através de falácias, de uma argumentação vaga, acaba por contribuir com o compartilhamento de desinformação e gera o caos. (CAMPOS, 2020).

A COVID-19 atinge principalmente aqueles que pertencem às classes sociais mais pobres, que lutam diariamente para sobreviver e manter seus empregos ou subempregos. Apesar de que o grupo responsável pela disseminação de desinformação que mais se enquadra na atitude do descaso é composto por pessoas que tiveram acesso a uma educação de qualidade e tem ou deveriam ter uma responsabilidade diante de suas falas, pois influenciam os demais.

Conforme evidenciado, o Brasil cometeu uma série de erros ao lidar com a pandemia, considerando a lenta taxa de vacinação da população por falta de doses das vacinas, decorrência da gestão equivocada do Ministério da Saúde e desinteresse do Governo Federal, o país ainda está longe de se desprender do vício epistêmico.

Diante do exposto, é possível atribuir o vício epistêmico à aceitação de desinformações, apesar de ser na maioria das vezes algo involuntário, a postura de se manter em uma situação de desconhecimento passa por um processo interior mais profundo, que pode vir a ser incentivado por agentes externos.

Podemos destacar a importância das ciências humanas e dos educadores das ciências no processo de inclusão das pessoas que ficaram à margem da informação científica durante a pandemia. O processo de reaproximação passa por um esforço conjunto e por políticas públicas que incluam estes profissionais nas tomadas de decisões e permitam que eles tenham recursos suficientes para promover uma educação científica de qualidade. Aproximar o ensino de ciências das necessidades do povo e tornar conceitos complexos acessíveis de forma clara e concisa, contribui para que a população se desprenda dos vícios epistêmicos e busque questionar informações que não apresentam um estudo baseado na realidade por trás delas.

Não há espaço para a desinformação diante de uma pandemia como a de COVID-19, o mínimo descaso diante da ciência pode gerar um dano irreparável como o que estamos vivenciando, cada dia que passa o número de óbitos aumenta e parece que estamos nos habituando.



Da hidroxiquina à uma possível vacina, do descaso ao desdém, todos os países que foram na contramão da ciência durante a pandemia estão sofrendo as consequências, alguns aprenderam com os erros e estão lidando com uma segunda onda que se torna controlável diante do aprendizado obtido. O Brasil está no grupo que não lidou bem com a pandemia e discorda de quem pense diferente, mesmo que a ciência não seja uma questão de opinião.

Além dos casos aqui citados, outras perguntas permanecem: até que ponto os vícios epistêmicos ainda podem prejudicar as decisões e ações no país sobre a pandemia? Quantas mortes ainda irão acontecer sob o obscurantismo presente? Tais questões, ainda em aberto, necessitam investigação, bem como outras decisões e ações do governo brasileiro e de sua própria população em relação a como lidamos com a pandemia e como ainda lidaremos no futuro.

## 7. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Gastão. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, 2020.

CASACA, Maria; CASACA, José; CORDES, Maria E.; CORDES, Maria F.; CORDES, Maria G.; BELINI, Marcia. Comparação de dados de infecções e mortes pelo novo Coronavírus de diferentes países do mundo com os dados brasileiros desde o primeiro infectado até o final da primeira quinzena de Abril de 2020. **Brazilian Journal of Health Review**, v.3, n.2, p.3434-3454, 2020.

CASSAM, Quassim. Descaso epistêmico. **Crítica**. Tradução de Desidério Murcho, 2018. Disponível em: <https://criticanarede.com/descaso.html>. Acesso em: 12 mai. 2021.

CASSAM, Quassim. **Vices of the Mind: from the Intellectual to the Political**. Oxford: OUP Oxford, 2019.

COELHO, Bruno. Vícios intelectuais, motivação e responsabilidade. **Perspectiva Filosófica**, v.46, n.1, 2019.

CASTRO, Rosana. Necropolítica e a corrida tecnológica: notas sobre ensaios clínicos com vacinas contra o coronavírus no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, n.59, p.71-90, 2021.

FIGUEIREDO, Dalson *et al.* **Covid-19 em dados: Brasil em perspectiva comparada**. Recife: MPCP, 2020.

FRANKFURT, Harry. **On Bullshit**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005.

FERRARI, Filipe. COVID-19: dados atualizados e sua relação com o sistema cardiovascular. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v.114, n.5, p.823-826, 2020.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. Subcidadania, raça e isolamento social nas periferias brasileiras: reflexões em tempos de COVID-19. **Revista Thema**, v.18, n.especial, p.92-110, 2020.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Percepções e estratégias relacionadas ao “viés de confirmação” por pesquisadores no processo de busca e uso da informação**. 2020. 138 f. Monografia (Pós-doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri *et al.* A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.26, p.2863-2872, 2021.



GUERRA, Filipe Mosca. Do in vitro ao in vivo: a eficácia da cloroquina no tratamento da COVID-19. **Journal of Evidence-Based Healthcare**, v.2, n.1, p.106-111, 2020.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

INSTITUTE FOR HEALTH METRICS EVALUATION. **Estimation of total mortality due to COVID-19**. 2021. Disponível em: <http://www.healthdata.org/special-analysis/estimation-excess-mortality-due-covid-19-and-scalars-reported-covid-19-deaths>. Acesso em: 11 mai. 2021.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva 2012.

KOEPPE, Cleise; FERREIRA, Simone; CALABRÓ, Luciana. Saúde em jogo: ensino de Ciências e prevenção à contaminação viral para os anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Thema**, v.18, n.especial, p.170-183, 2020.

LUZ, Alexandre Meyer; LANSKY, Luiz Vasconcellos Ferreira; OLIVEIRA, Victor Hugo Graffunder. Consequencialismo e virtudes na epistemologia contemporânea: articulações e desafios. **Guairacá-Revista de Filosofia**, v.36, n.2, p.143-164, 2020.

MANSILLA, María Aurelia Delgado. Posibilidades alternativas y vicios epistémicos sobre responsabilidad moral en tiempos de pandemia. **Revista PRAXIS**, n.82, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019/2021 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 11 mai. 2020.

MEYER, Marco; ALFANO, Mark; BRUIN, Boudewijn de. Epistemic Vice Predicts Acceptance of COVID-19 Misinformation. **SSRN**. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3644356>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ORELLANA, Jessem Douglas Yamall *et al.* Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.37, e00259120, 2021.

OSTERMANN, Fernanda. A epistemologia de Kuhn. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v.13, n.3, p.184-196, 1996.

PONTES, Mauro; LIMA, Júlio. Brazil's COVID-19 response. **The Lancet Health Longevity**, Correspondence, v.396, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31919-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31919-X/fulltext). Acesso em: 14 nov. 2020.

PROCTOR, Robert; SCHIEBINGER, L. **Agnotology**: the cultural production of ignorance. 2008.

RIZZO, Luiz. Wolosker, Nelson. Brazil's COVID-19 response. **The Lancet Health Longevity**, Correspondence, v.396, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31915-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31915-2/fulltext). Acesso em: 14 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista crítica de ciências sociais**, n.80, p.11-43, 2008.

SANTOS, Felipe Rocha L. Vícios intelectuais, virtudes e investigação. **Sofia**, v.7, n.1, p.147-162, 2018.



SCHWARTZ, Fabiano Peruzzo. Distanciamento social e o achatamento das curvas de mortalidade por COVID-19: uma comparação entre o Brasil e epicentros da pandemia. **Revista Thema**, v.18, n.especial, p.54-69, 2020.

TANESINI, Alessandra. Epistemic vice and motivation. **Metaphilosophy**, v.49, n.3, p.350-367, 2018.

THE LANCET. COVID-19 in Brasil: "So What?". **The Lancet Health Longevity**, Correspondence, v.395, p.1461, 9 mai. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31095-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31095-3/fulltext). Acesso em: 14 nov. 2020.

TIMMERMANN, Cristian. Epistemic ignorance, poverty and the COVID-19 pandemic. **Asian Bioethics Review**, v.12, p.519–527, 2020.

Submetido em: **13/05/2021**

Aceito em: **23/11/2021**